

R\$2



(11) 9.4101-1917



opiniaosocialista



www.opiniaosocialista.com.br



@opsocialista



Portal do PSTU



@opiniaosocialista

PALESTINA LIVRE DO RIO AO MAR

É preciso exigir que o governo Lula rompa relações diplomáticas, comerciais e militares com o Estado genocida de Israel

106 ANOS

REVOLUÇÃO
RUSSA: UM MARCO
NA HISTÓRIA DA
HUMANIDADE

PÁGINAS 14 E 15

METROVIÁRIOS DE SÃO PAULO

READMISSÃO, JÁ!
CONTRA AS DEMISSÕES
E PERSEGUIÇÃO
DE TARCÍSIO

PÁGINA 5

MOVIMENTO

GM DEFLAGRA
GREVE POR TEMPO
INDETERMINADO

PÁGINA 12

páginadois

CHARGE

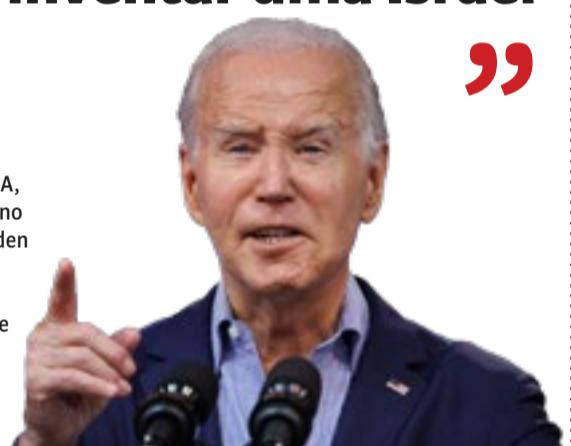
لما تيجي توزع، وزع من اراضي امل.



FALOU BESTEIRA

“ Se não existisse Israel, os EUA precisariam inventar uma Israel ”

Joe Biden, atual presidente dos EUA, em frase dita no ano de 1986. Em 2022 Biden repetiu a mesma frase para Isaac Herzog, presidente de Israel.



SOLIDARIEDADE À PALESTINA!

FAÇA SEU CADASTRO NO SITE E BAIXE GRATUITAMENTE OS LIVROS EM PDF:



SUNDERMANN



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Cândido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica MarMar

PETROLEIROS

Atentado contra Leninha é ataque político

Na manhã do último dia 23, no Edisen (edifício da Petrobras, no Rio de Janeiro), a petroleira Leninha Farias acordou passando mal, após um homem, identificado por testemunhas como empregado da Petrobras, ter jogado o bactericida da marca Creolina na barraca onde Leninha está acamada na luta por direitos. Esse mês, Leninha voltou a acampar na calçada do Edisen, em protesto contra a falta de respostas da empresa para suas reivindicações para tratamento de saúde e reintegração. Leninha foi demitida há 14 anos e, desde então, busca reparação; tornando-se conhecida por lutar pelos direitos dos trabalha-



dores. Para a Frente Nacional dos Petroleiros e o Sindipetro-RJ, a ocorrência é claramente um ataque político à Leninha, por sua militância e, em especial, pelo recente protesto que tem feito. Em ofício à Petrobras, a Federação e o Sindicato cobraram apuração da ocorrência e chamaram a direção atual da

empresa à responsabilidade, por estar protelando a reintegração e o tratamento médico solicitados pela petroleira. Os motivos do afastamento são as doenças por exposição a produtos químicos e a utilização, no ataque, de um produto como a Creolina caracteriza um atentado contra a vida da Leninha.

PERDA

Idibal Pivetta, presente!

Pivetta era advogado, defensor dos direitos humanos e dos presos políticos da ditadura. Ele defendeu Celso Brambilla, Márcia Bassetto Paes e José Maria de Almeida, quando foram presos pelos militares. “Quando eu fui preso pela primeira vez, na ditadura (em 1977), era um garoto, com muito pouca informação e sem recurso financeiro algum. Me indicaram o nome dele e fui até o seu escritório. A generosidade com que Pivetta me acolheu, amparou e orientou foi algo que, para mim, era inacreditável... Até então, eu não sabia que existiam seres humanos iguais a ele. Sua atitude comigo, naquele momento, foi

importante pra mim, pro resto da minha vida”, explica Zé Maria. Além de advogado, Pivetta foi um dos fundadores do grupo Teatro Popular União e Olho Vivo, pioneiro na utilização dos processos de criação coletiva, e diretor de teatro, sendo conhecido como César Vieira. Foi o autor de “O Evangelho Segundo Zebedeu”. Foi expressão de como a esquerda socialista também gerou intelectuais de grande expressão em todos os terrenos, comprometidos com a luta dos trabalhadores. “Infelizmente, pelas coisas da nossa vida e da nossa luta, convivi muito pouco com ele depois do fim da ditadura. Mas ele sem-



preteve um lugar reservado no meu coração, onde vou levá-lo comigo, enquanto eu viver”, diz Zé Maria.

Idibal Pivetta, presente! Até o Socialismo, sempre!

CONTATO

FALE CONOSCO VIA WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Lula tem que romper relações com Israel, já!

As barbaridades promovidas por Israel contra o povo palestino estão sendo respondidas em todo o mundo com uma forte campanha de solidariedade internacional. No mundo árabe e muçulmano, as mobilizações são massivas e demonstram a força que teria um verdadeiro levante de todos os países da região em defesa dos palestinos. Mas também na Europa, nos Estados Unidos e, aqui, na América Latina ocorreram grandes manifestações.

No Ocidente, há uma forte campanha em defesa da Israel promovida pelos países imperialistas. Contam mentiras, invertem os fatos e escondem seus interesses econômicos, políticos e militares sob a hipocrisia de uma suposta luta contra o terrorismo, defesa da democracia.

Em 2014, Joe Biden, afirmou que a defesa que os EUA fazem de Israel “não é um favor, é uma obrigação, mas também uma necessidade estratégica”. Chegou a falar que “se não houvesse Israel, teríamos que inventar um”. De fato, inventaram.

ISRAEL: UM ESTADO RACISTA E TERRORISTA

Israel foi criado em 1948 em um território onde viviam os palestinos de maioria árabe e, também, havia uma minoria de judeus que conviviam com uma relativa tranquilidade. Este país nasceu apoiado, financiado e sustentado pelos EUA e demais países imperialistas para defender os seus interesses na região, como à exploração do petróleo.

O primeiro e maior ato de violência foi a criação do Estado de Israel, que tomou as terras e as vidas dos palestinos através de massacres, assassinatos e perseguições que se estendem até os dias de hoje.

Israel não é um país democrático, que combate o terrorismo e quer paz, como diz a propaganda da imprensa burguesa. Israel é um Estado teocrático e racista. Ou seja, um Estado baseado na religião, onde as leis e direitos



excluem oficialmente os não-judeus. Um Estado onde os palestinos vivem um verdadeiro regime de segregação racial.

Israel não combate o terrorismo pois é ele mesmo que promove o terror todos os dias. A luta de Israel não é contra o Hamas, mas contra o povo palestino. Inclusive, décadas antes da existência do Hamas, que nasceu em 1987, Israel já tinha liderado massacres na Palestina. E, hoje, na Cisjordânia onde o Hamas sequer existe, promovem bombardeios, assassinatos e ataques aos palestinos.

O USO DISTORCIDO DA FÉ E A MANIPULAÇÃO DA MÍDIA

Esta Israel não tem nada a ver com a Israel bíblica. Não tem nada a ver com religião. O que vemos são poderosos homens capitalistas garantindo seus negócios e seus interesses geopolíticos e econômicos.

Aqui no Brasil, inclusive, o bolsonarismo vem tentando se aproveitar desse debate, misturando, mais uma vez, política e religião e abusando da fé das pessoas. Em nome de Deus, defendem os crimes de um Estado controlado por um homem como Netanyahu, presidente da ultradireita sionista, que tentou acabar

com a Suprema Corte de seu próprio país, e que nem os próprios israelenses defendem mais.

Também é lamentável o papel da grande imprensa. Reproduzem acriticamente todas argumentações dos defensores de Israel, que não apenas justificam as ações bárbaras deste país nesse momento, com os bombardeios, mas também justificam seu suposto direito de atacar e destruir os palestinos.

Essa imprensa apenas reproduz o que pensa um setor da burguesia que gosta de se dizer democrática ou contra o bolsonarismo. Mas, eis que aqui estão todos juntos na defesa das atrocidades cometidas por Israel. Inclusive ajudando o bolsonarismo, ao alimentarem a indústria de “fake News”, mentiras e perseguições que os apoiadores da causa palestina estão enfrentando.

LULA E DEMAIS GOVERNOS

No Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), o governo Lula propôs uma resolução que, ao mesmo tempo, agradava Israel e tentava defender um cessar fogo contra os exageros dos bombardeios atuais a Gaza. Ainda assim, os EUA vetaram a resolução, provando que não quer paz alguma.

As posturas adotadas por países como Brasil, China e Rússia, ao mesmo tempo que criticam Israel e os palestinos, se dizem pela paz e buscam uma solução de “dois Estados”, reconhecendo, assim, na prática, o direito de Israel possuir as terras roubadas dos palestinos.

São posturas que não ajudam em nada os palestinos e não movem um dedo no sentido de romper relações com Israel. O que só mostra que, também estes setores burgueses, não têm interesse algum em uma Palestina livre. Lula deveria romper relações militares, diplomáticas e econômicas com Israel, já. Ao chamar a resistência palestina de “terrorismo”, Lula mostra o nível de subserviência ao imperialismo dos EUA.

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

Tudo isso só reforça a importância de redobrarmos a solidariedade dos trabalhadores e de todos os povos oprimidos e explorados do mundo com a resistência palestina. Esta luta tem tudo a ver com a luta dos trabalhadores no Brasil. Afinal, somos um país dominado economicamente pelas mesmas potências imperialistas que sustentam Israel e massacram

os palestinos em Gaza.

Defendemos a mais ampla unidade de ação com o Hamas e qualquer um que esteja a favor da luta do povo palestino. Mas é preciso que também discutamos os limites políticos e estratégicos dessa batalha. Os militantes do Hamas resistem e lutam bravamente contra Israel. Mas, a direção do Hamas defende uma política conservadora e não defende abertamente uma Palestina Laica e Democrática. Por mais que tenha surgido de uma crítica correta aos acordos feitos de Oslo, que controla a Cisjordânia, o Hamas tampouco representa uma alternativa ao povo palestino. Organizações como estas têm limites exatamente por terem direções burguesas e um programa adaptado à ordem capitalista. Não apontam como saída a organização da classe trabalhadora e a combinação da luta por liberdade nacional com um processo revolucionário e socialista na Palestina.

AS LUTAS NO BRASIL

O governo Lula segue aprofundando esta dominação com sua política de desenvolvimento baseado em privatizações, Parcerias Público-Privadas, o que, na prática, significa a venda do Brasil. E mesmo com as benesses que têm recebido, os capitalistas não titubeiam em atacar os trabalhadores. Por isso mesmo, depois do programa do governo de subsídios ao preço do carro e todo tipo de isenção fiscal que recebe, a GM demitiu vários trabalhadores.

Diante disto, são importantíssimas as lutas contra as privatizações promovidas pelos governos estaduais, que contam com a conivência do governo federal, que tem um projeto similar, assim como a luta contra os cortes de verbas nas áreas sociais e contra a privatização da Educação, a começar pela presença do bilionário e desonesto Jorge Lemann no interior do Ministério da Educação (MEC).

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/46JP4WI](https://bit.ly/46JP4WI)**

SÃO PAULO

Tarcísio avança na privatização do saneamento para beneficiar bilionários

 DEYVIS BARROS,
DE SÃO PAULO (SP)

O governador bolsonarista Tarcísio de Freitas, encaminhou “com urgência” para a Assembleia Legislativa um projeto para privatizar a Sabesp (Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo).

Foram contratados estudos milionários para vender a Sabesp, o Metrô e a CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos). Mas o resultado das privatizações já está à vista de todos. A privatização da Eletropaulo provocou o aumento da tarifa e a piora dos serviços. Nas linhas 8 e 9 da CPTM, a população sofre com uma falha a cada dois dias.

O discurso do governador de que a privatização vai reduzir tarifas e universalizar o saneamento é uma mentira. A verdade é que Tarcísio amplia o roubo do patrimônio do povo trabalhador a serviço dos bilionários.

PRIVATIZAÇÕES DA ÁGUA E DO ESGOTO JÁ SE PROVARAM UM DESASTRE

Um estudo do Instituto Transnacional (TNI) da Holanda, aponta que, de 2000 a 2019, 312 cidades em 36 países reestatizaram seus serviços de tratamento de água e esgoto. Entre elas Paris e Berlim. As quebras ou não renovações dos contratos feitas pela burguesia de vários países ocorreram após sucessivos aumentos das tarifas e promessas de universalização não cumpridas.

Já no Brasil, em Manaus, o saneamento foi privatizado há 23 anos e, hoje, menos de 15% de todo esgoto da cidade possui tratamento sanitário, além das altas tarifas. No Rio de Janeiro, após a privatização da Cedae, as tarifas aumentaram, o serviço piorou e, em 2022, houve um aumento de 564% no número de queixas no Procon contra a empresa.

ÁGUA E SOBERANIA NACIONAL

O controle da água é estratégico para a soberania do país e a segurança da população. Existe um processo de entrega das riquezas naturais dos países latino-americanos para grandes empresas privadas, a fim de alimentar seus lucros e a produção de multinacionais imperialistas.



Em alguns países onde a água foi privatizada isso gerou rebeliões sociais. É o caso da Bolívia, que, no início dos anos 2000, viveu uma verdadeira guerra do povo contra a empresa estadunidense que controlava a água em Cochabamba. Apesar de se manter como estado mais rico do país, São Paulo está em um processo de franca decadência, com desindustrialização, piora das condições de vida e um desmon-

ENTREGA PETISTA

Lula e Haddad preparam projeto para privatizar saneamento no país inteiro



O PT em São Paulo se posiciona formalmente contra a privatização da Sabesp. Mas o papel desse partido em relação ao saneamento é vergonhoso. Lula e o PT governaram o Brasil por mais de uma década e não conseguiram garantir uma coisa tão básica quanto universalização do saneamento básico. Até hoje, menos da meta-

de da população tem acesso ao serviço.

Este ano, Lula e Haddad apresentaram um projeto para expandir as parcerias público privadas no saneamento em todo país. O governo petista usa o mesmo artifício de Tarcísio (prometer a universalização do saneamento) para vender as empresas públicas.

CHEGA DE PRIVATIZAÇÃO



Fortalecer a Sabesp pública para universalizar o saneamento

Investir em saneamento significa economizar com saúde, já que se reduz a incidência de uma série de doenças.

Atualmente, o governo de São Paulo tem 50,3% da Sabesp. O restante das ações é negociado nas Bolsa de São Paulo e na de Nova York, e o lucro da empresa, que foi de R\$ 3,12 bilhões em 2022, vai direto para o bolso de especuladores. Isso tem que parar.

Ao invés de privatizar a empresa, é preciso torná-la 100% estatal, e entregar sua administração aos trabalhadores e o povo

que utiliza o serviço. Todo lucro da Sabesp deve ser revertido para o fortalecimento da empresa, para ampliação da cobertura de saneamento básico e melhorar o atendimento à população.

É preciso reverter a sangria dos recursos do estado e a entrega dos serviços e patrimônio públicos para grandes empresas e bancos através das terceirizações, Parcerias Público Privadas e o pagamento da falsa dívida pública. Isso para investir em serviços públicos de qualidade, entre eles a coleta de lixo, esgoto e o fornecimento de água.

O plebiscito impulsionado por sindicatos e organizações populares de São Paulo, e as greves e mobilizações dos trabalhadores da Sabesp, Metrô e CPTM que pararam a capital paulista no último dia 3 de outubro, são um primeiro passo para derrotar Tarcísio e seu plano de vender São Paulo. É preciso seguir adiante, enfrentando também os projetos de Lula para o saneamento e da burguesia que apoia ambos governos.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3MFWXGI](https://bit.ly/3MFWXGI)**

SÃO PAULO

Governo demite metroviários por lutarem contra as privatizações

Reintegração, já! Nenhuma punição aos lutadores e lutadoras! Abaixo o plano de privatizações de Tarcísio!

 DEYVIS BARROS E ANA
PAGU, DE SÃO PAULO (SP)

A direção do Metrô de São Paulo, a mando do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), suspendeu um metroviário e demitiu outros oito, num ato antissindical, abusivo e arbitrário contra os trabalhadores. Antes disso, a direção da empresa tentou aplicar advertências em mais de 70 trabalhadores e trabalhadoras, o que encontrou resistência da categoria.

O objetivo do governador é retaliar quem enfrentou seu projeto de privatizações na greve do dia 3 de outubro, que parou

São Paulo e contou com apoio da maioria da população. Com isso, Tarcísio quer tentar intimidar trabalhadores do Metrô, da Sabesp e da CPTM (trens), deixando entender que não aceitará novas mobilizações.

RESPOSTA É MAIS LUTA

Mas o tiro vai sair pela culatra, porque, enquanto fechamos esta edição, a diretoria do Sindicato dos Metroviários já estava convocando a categoria para uma assembleia, com o objetivo de construir uma nova greve. Mas, agora, não só contra as privatizações, como também contra as punições e pela reintegração dos de-

mitidos. E, ainda, estavam concretando que todos os lutadores se somem à luta, em particular os trabalhadores da CPTM, da Sabesp e demais setores que enfrentam os ataques do governo.

ATAQUE A TODOS OS TRABALHADORES

Entre os demitidos estão o vice-presidente do sindicato, Narciso Soares, e o membro do sindicato e dirigente da CSP-Conlutas, Altino Prazeres. Ambos são militantes do PSTU, trabalham há anos na categoria e são lutadores em defesa do transporte público e da qualidade dos serviços para a classe trabalhadora.

“O Tarcísio quer destruir a resistência dos trabalhadores do Metrô, da Sabesp e da CPTM, pra entregar as empresas para os grandes empresários. Essa punição foi feita para intimidar quem realizou greve contra esse projeto. A resposta que nós vamos dar ao governador é uma greve ainda maior, mais forte e com mais apoio popular contra as privatizações, mas também para reverter o processo de demissões”, explica Narciso.

Já para Altino, “as demissões são um ataque contra todos os trabalhadores e trabalhadoras do Metrô, mas também contra o povo de São Paulo, que vai ter o serviço piorado



e as tarifas aumentadas com as privatizações. A única preocupação do governador é atender os grandes bilionários e, para isso, ele vai tentar passar por cima de qualquer um. Mas, os metroviários estão preparados para enfrentar esse governador privatista com luta”.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/408lfh](https://bit.ly/408lfh)**

CAMPANHAS

Plebiscito sobre a privatização e pelo direito de lutar

Esta não é só uma luta das categorias. É uma batalha política pelo direito de greve e para onde vai o dinheiro público: para políticas públicas, que atendam os trabalhadores e o povo pobre; ou para o bolso dos bilionários, através das privatizações.

Sindicatos e movimentos sociais de São Paulo há mais de um mês estão realizando um plebiscito, que já teve a participação de dezenas de milhares de pessoas e se encerra

no próximo dia 5 de novembro. Tarcísio se recusou a convocar um plebiscito oficial, porque não quer ouvir a população. Mas, teve de atestar o apoio popular à greve do dia 3 de outubro e foi desmentido sobre a eficiência da privatização, com mais uma falha na linha privatizada da CPTM. A campanha para que a ampla maioria da população decida sobre a privatização, através de um plebiscito, agora se soma à campanha pelo direito de lutar.

Ou seja, para que ninguém seja demitido do trabalho por lutar em defesa dos serviços públicos estatais.

- Readmissão dos metroviários demitidos, já!
- Quem luta contra a privatização não pode receber punição!
- Todo apoio à luta dos trabalhadores do Metrô, da Sabesp e da CPTM!
- Não ao plano de privatizações de Tarcísio!

SÃO PAULO

Professores fazem paralisação contra ataques à Educação e as privatizações

No ultimo dia 20 de outubro, professores e professoras de São Paulo realizaram uma forte paralisação e manifestação contra os ataques de Tarcísio à Educação.

O governador encaminhou à Assembleia Legislativa do estado um projeto que reduz de 30% para 25% o gasto anual do estado com o setor. Isso pode significar até quase R\$ 10 bilhões a menos no orçamento anual da Educação. Esse valor é equivalente aos orçamen-

tos anuais, somados, da USP e da Unicamp, e seria suficiente para construir mais de 1.900 escolas para até mil alunos.

Trata-se de um grande ataque, que acontece em um momento em que vários direitos dos professores e professoras da rede estadual de ensino também estão sendo postos em xeque pelo governador e em que os estudantes da USP protagonizam uma das maiores e mais fortes greves já ocorridas na universidade, contra sua pre-

carização e desmonte.

Para a professora Flávia Bischain, Coordenadora da Subsede Oeste-Lapa da Apoesp e militante do PSTU, “a greve foi muito forte”. Para ela, agora, é preciso unificar a luta dos professores com a luta dos trabalhadores do Metrô, da CPTM e da Sabesp, porque todos têm um mesmo inimigo: Tarcísio e o seu projeto de entregar São Paulo para os bilionários.

“Ao mesmo tempo que enfrentamos Tarcísio, aqui, temos



que enfrentar os cortes de Lula, no orçamento da Educação, e exigir a anulação do acordo com a MegaEdu, da Fundação Leemann, para controlar parte do orçamento do Ministério da Educação (MEC), além da revogação integral do Novo Ensino Médio, porque reformar a reforma não resolve”, explicou Flávia.

REGIME DE RECUPERAÇÃO FISCAL

O terrível plano de Zema contra os trabalhadores mineiros



YURI GOMES,
DE BELO HORIZONTE (MG)

O governador mineiro Romeu Zema (Novo) encaminhou para a Assembleia Legislativa um plano de Regime de Recuperação Fiscal (RRF), um dos mais perversos planos contra os trabalhadores em nossa história. O projeto responsabiliza o povo trabalhador pelo endividamento com a União, ameaçando com congelamento dos salários e privatizações. É hora dos movimentos sociais e sindicatos, com independência e coragem, construírem uma grande luta no estado.

O RRF já está sendo pautado em uma comissão legislativa e foi apresentado, também, para o Tesouro, para facilitar a aprovação. Ele inclui o congelamento dos salários

dos servidores estaduais por nove anos (podendo ser estendido para 12), com apenas duas recomposições de 3% em todo o período.

A proposta visa a privatização total da Cemig (energia) e da Copasa (água e saneamento). Importante dizer “total” porque, hoje, as empresas privadas já têm a maioria acionária de ambas, sendo que 77,68%, inclusive, estão nas mãos de fundos estrangeiros.

CARA DE PAU

Mas, a Constituição de Minas prevê que a venda de empresas públicas deve passar por um plebiscito, o que o governo não quer fazer. A desculpa é que o estado estaria quebrado e com um altíssimo endividamento com a União. Ou seja, Zema quer passar



Romeu Zema governador de Minas Gerais

um verniz de responsabilidade em seu plano de piorar a vida dos trabalhadores e trabalhadoras mineiros.

Afinal, se esta é a realidade, por que, então, foi perdoadas a dívida bilionária das empresas de locação de au-

tomóveis, que, coincidentemente, financiaram campanha de Zema? Por que não é questionada a Lei Kandir, que isenta a mineração e o agronegócio do pagamento de ICMS, sendo estes os setores mais lucrativos da economia

estadual? Por que o governador aumentou seu próprio salário em 300%? Para ajustar um problema constitucional, como ele falou desavergonhadamente? Para isso, a lei serve, não é mesmo?

PROTEGENDO OS AMIGOS RICOS

Vivemos um momento importante da luta de classes no estado. O resultado do que está sendo proposto pelo RRF é um serviço público mais precarizado do que já é, sendo que a Educação e a Saúde públicas atendem principalmente os operários e o povo pobre. Diante disto, nos resta a conclusão de que o governo penaliza o trabalhador para garantir os privilégios dos grandes empresários, de setores da alta administração estatal e de seus políticos lacaios.

LUTA

Construir a mobilização com toda a classe trabalhadora mineira



Mas, o que fazer? Com toda certeza não é seguir as instruções de Marília Campos, prefeita de Contagem e uma das figuras mais importantes do PT de Minas, que defendeu abertamente o RRF, em oposição, inclusive, à postura dos parlamentares do partido na Assembleia Legislativa, revelando que tem apoio de Lula. Um

desserviço à luta contra os ataques de Zema.

Isso não nos surpreende em nada, já que em meio ao recado dado com a derrota do Bolsonaro, as principais propostas costuradas pelo governo federal, no Parlamento, foram a Reforma Tributária e o Arcabouço Fiscal, que também penalizam os trabalhadores, para ali-

mentar os tubarões do sistema financeiro.

No dia 25 de outubro, a categoria da Segurança Pública está chamando uma grande manifestação. No dia 7 de novembro, mais de 22 sindicatos estão convocando um dia de paralisação geral no estado. Neste contexto, a primeira tarefa é investir na combatividade, na unidade e na independência.

É preciso construir grandes dias de mobilização, mas não apenas com os servidores públicos; mas, sim, com toda a classe trabalhadora mineira, que será a mais afetada. Precisamos combater nas ruas, nas empresas, sem divisão entre trabalhador público e privado, e, também, sem depositar qualquer confiança em governos e instituições políticas que só funcionam para satisfazer os interesses dos “de cima”. Confiar nas nossas próprias forças, este é o lema.

TIRAR DE QUEM TEM E DETER AS PRIVATIZAÇÕES

Cabe trazer, também, a experiência de São Paulo, onde o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), ao tentar privatizar a CPTM, o Metrô e a Sabesp, fez com que diversos sindicatos construíssem um grande dia de luta, em 3 de outubro. Lá, vem sendo feito um Plebiscito Popular, que alavancou a mobilização e colocou em xeque os interesses de Tarcísio contra a grande massa que é contrária à entrega do patrimônio público.

De nossa parte, estaremos à frente de todas as iniciativas para derrotar Zema e seu plano de desmonte. Usaremos nossa voz em cada espaço para denunciar os terríveis efeitos do RRF, lembrando que não é preciso apenas barrar as privatizações; mas, sim, reverter o que já foi privatizado. Queremos que a Ce-

mig, a Copasa e a Vale sejam 100% estatais!

Da mesma forma que não basta apenas interromper a desvalorização dos servidores públicos. É necessário lutar para que conquistemos salários e condições de trabalho realmente dignos, para que também possamos oferecer serviços de qualidade para quem precisa.

Se há déficit, que se tire de quem tem! Exigimos a derrubada da Lei Kandir, a proibição da anistia de tributos às grandes empresas, o corte do alto escalaço da administração pública e dos políticos. E temos certeza que isto só será possível se os trabalhadores deixarem de ser marionetes eleitorais dos capitalistas que estão no poder e tomarem as rédeas do seu destino, construindo um verdadeiro poder operário.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3QVW3U8](https://bit.ly/3QVW3U8)

PALESTINA LIVRE!

‘Hoje meu corpo era um massacre televisionado’


**SORAYA MISLEH,
DE SÃO PAULO (SP)**

O genocídio na estreita faixa de Gaza entrou no 18º dia em 24 de outubro sem que a repugnante propaganda de guerra da mídia burguesa também dê trégua. Já são mais de 2 mil crianças, cerca de 1.120 mulheres e 220 idosos entre os mais de 5 mil trucidados pelas bombas sionistas. São nomes e vidas que não param de se somar a essa trágica estatística, que só faz crescer. Aproximadamente 120 crianças são chacinadas todos os dias, segundo o Observatório Euro-Mediterrâneo de Direitos Humanos.

Há denúncias de uso de armas químicas, como napalm e bombas de fósforo branco. Vem à mente a poesia da palestina Rafeef Ziadeh, em resposta a um repórter que havia lhe perguntado, durante outro bombardeio massivo a Gaza há mais de 10 anos, se não ficaria tudo bem se os palestinos não ensinassem ódio às suas crianças:

Ensinamos vida, senhor. [...] / Ensinamos a vida depois que eles construíram seus assentamentos e muros do apartheid, depois dos últimos céus. / Ensinamos vida, senhor. / Mas hoje meu corpo era um massacre televisionado, / feito para caber em frases de efeito e limites de palavras. [...] / E cem mortos, duzentos mortos, mil mortos. / E entre isso, crime de guerra e massacre, / Despejo palavras e sorrio: “Nem exótico”, “nem terrorista”.

A sombra da morte, por fome e sede ou bomba, segue à espreita para 2,4 milhões de palestinos em Gaza. As cenas são brutais: crianças anotando seus nomes nos braços e pernas para serem identificadas caso sejam os corpos estilhaçados do dia; médicos em hospitais sem energia elétrica e estrutura sob ameaça de novos bombardeios recebendo os corpos de seus próprios filhos e netos; dezenas de famílias inteiramente dizimadas, apagadas do registro civil; jornalistas cobrindo às lágrimas e também sendo assassinados; igreja cristã com 1.500 anos e repleta de palestinos

tentando se abrigar das bombas implacáveis sendo o alvo da vez; ordens de evacuação e bombardeios sobre os palestinos enquanto fazem o trajeto para a direção determinada por Israel; ameaças de bombardeios em mais e mais hospitais, escolas, casas, famílias, tudo o que se move.

Vem à mente trecho da letra da música do grupo palestino de hip hop DAM:

“Quem é o terrorista? Eu sou o terrorista?! / Como posso ser o terrorista quando você tomou minhas terras? / Quem é o terrorista? Você é o terrorista! / Você pegou tudo que eu possuo enquanto morava em minha terra natal. / Você está nos matando como matou nossos ancestrais. / Você quer que eu vá à justiça? Pelo quê? / Você é a testemunha, o advogado e o juiz! / Se você é meu juiz, serei condenado à morte! [...] / Você me ataca, mas ainda grita quando eu lembro que foi você quem me atacou. / Você me silencia e grita. / ‘Mas você deixa as crianças atirarem pedras! Eles não têm pais para mantê-

-los em casa?’ / O QUÊ?!! / Você deve ter esquecido que enterrou nossos pais sob os escombros de nossas casas. / E agora, enquanto minha agonia é tão imensa, você me chama de terrorista?!”

CONTÍNUA NAKBA

Não é notícia nova para o povo palestino na contínua Nakba – catástrofe cuja pedra fundamental é a formação do Estado racista e colonial de Israel em 15 de maio de 1948 mediante limpeza étnica planejada, em 78% do território histórico da Palestina. Em 1967, a Naksa (revés), com a ocupação militar sionista dos restantes 22%: Gaza, Cisjordânia e Jerusalém Oriental (veja linha do tempo).

A realidade cotidiana dos palestinos e palestinas é violação de todos os direitos humanos fundamentais pelas forças de ocupação, regime de apartheid, expansão colonial agressiva via racismo, limpeza étnica, genocídio.

E agora enfrentam o mais brutal genocídio a Gaza desde o cerco desumano há 15 anos,

batendo a marca dos sangrentos julho e agosto de 2014. Naquele período, em 51 dias, Israel matou cerca de 2.200 palestinos, entre os quais 530 crianças.

Enquanto isso, na Cisjordânia, Israel armou ainda mais os colonos sionistas. Antes de 7 de outubro estes já vinham promovendo perseguições e ataques brutais (conhecido como pogroms) em aldeias palestinas, 270 palestinos já haviam sido assassinados, entre os quais 65 crianças. Isso também ganhou dimensão ainda mais brutal. Em pouco mais de duas semanas quase 100 mortos e 1.400 feridos palestinos.

Repressão e censura. Há organizações denunciando que o número de presos políticos bateu 10 mil – eram 5.200 até o começo de outubro, incluindo 170 crianças. Presos políticos palestinos são transferidos para locais indeterminados, e as famílias seguem sem notícias de seu paradeiro. A tortura avança.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3QESMFZ](https://bit.ly/3QESMFZ)**

A IMAGEM DO APARTHEID

O Estado de Israel é um regime de apartheid, similar àquele que existiu na África do Sul no século 20. Os direitos civis são negados à população árabe-palestina. Existem 65 leis racistas contra os árabes-palestinos em Israel. Vejamos algumas delas:



Lei do Estado-Nação - Aprovada em 2018 e que estabelece que Israel é um Estado judeu. Ou seja, os judeus, que vivem em qualquer lugar do mundo, podem se tornar cidadãos; já os palestinos, que foram forçados a migrar para outros lugares, não podem nem voltar para suas casas. Por essa lei, os árabes-palestinos que vivem em Israel (20% da população) não têm direito nem a certos tipos de trabalho, como no funcionalismo público.



Assentamentos - A mesma lei estabelece que os assentamentos judeus, a forma prioritária da expansão do domínio sionista na região, são um “valor nacional” protegido e impulsionado pelo Estado, mesmo que às custas das terras pertencentes aos árabes.



Milícias de colonos - Nos assentamentos sionistas em terras palestinas existem vá-

rias milícias formadas por colonos judeus fortemente armados pelo Estado de Israel que ameaçam e atacam os palestinos, sob a proteção das forças de ocupação sionistas (exército).



Circulação restringida - Existem diferenças de placas nos carros de israelenses e palestinos. Placas amarelas permitem a circulação irrestrita de is-

raelenses sobre as estradas. Já as azul e branca, usadas pelos palestinos, proíbem e restringem a circulação. Também existe um muro de 700km que divide a Cisjordânia e continua em construção. Para atravessar ou mesmo tentar circular pelo território, os palestinos precisam ainda passar pelos postos de controle (checkpoints), onde ficam horas confinados como gado. A restrição da circulação impede o direito de ir as escolas, hospitais, trabalho, visitar familiares etc.

ATRAGÉDIA PALESTINA

1897 •

I Congresso Sionista na Basileia, Suíça, escolhe a Palestina, ainda sob domínio do Império Turco-Otônico, como destino para a colonização. O plano era assegurar uma maioria de judeus em terras em que, até então, eram uma minoria palestina (apenas 6% naquele período).

1920 E 1930 •

Depois da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) a Palestina passa a ser controlada pelo Império Britânico, que ficou com o território como espólio entre as potências aliadas vencedoras. Os britânicos começam a fomentar a colonização sionista na Palestina.

1936 •

Eclosa a Revolução Palestina contra o Império Britânico e a colonização sionista. As reivindicações eram a libertação nacional palestina, com o fim da colonização e entrega de terras dos palestinos aos sionistas. Uma greve geral é realizada e dura seis meses. No campo, desobediência civil e insurreição armada.

GRANDE MÍDIA

Propaganda de guerra contra palestinos

PERDA DE TERRITÓRIO PALESTINO (1946-2010)



A contínua Nakba alcança grau elevado, com os discursos racistas das lideranças sionistas sendo reproduzidos abertamente. A mídia nas mãos dos grandes capitalistas insiste na mentira da

guerra circunstancial e pontual Hamás x Israel, na falácia de direito de defesa do colonizador.

Chega até mesmo a colocar em dúvida se as poderosas bombas lançadas 24 horas sem parar

e indiscriminadamente por Israel foram as culpadas da destruição do Hospital Batista Al Ahli e morte de mais de mil de uma só vez. “Israel disse que não”, repetem seus interlocutores, sem vergo-

nha. Aceitam a mentira de que o povo palestino teria se autopombardado, na propaganda racista de guerra da “civilização [occidental, Israel] contra a barbárie [esses árabes, orientais]”.

Essa mídia apoia o terrorismo de Estado perpetrado contra o povo palestino e nega o direito legítimo de resistência de um povo oprimido há tempo demais, que trava luta anticolonial, por liberação nacional, do jeito que dá, cercado de inimigos poderosos. E resiste. Por isso existe.

MÃOS SUJAS DE SANGUE

A “comunidade internacional”, responsável pela Nakba em 1948 e por sua continuidade impune há mais de 75 anos, mergulha suas mãos sujas de sangue palestino ainda mais fundo: governos de todo o mundo igualam opressor e oprimido.

O nível deste novo capítulo da contínua Nakba pode ser pensado como a tentativa de “solução final” por parte do Estado terrorista, racista e colonial de Israel – financiado e aplaudido pelo imperialismo dos Estados Unidos. O discurso de Biden, atual presidente, em 1986 é simbólico dessa aliança da morte: “Destinamos bilhões todos os anos a Israel. É o nosso melhor investimento para nossos interesses econômicos. Se Israel não existisse, teríamos que criá-lo.” O imperialismo europeu não fica atrás.

GOVERNO LULA

Brasil precisa romper com Israel

Em sua cumplicidade histórica com a colonização sionista, o Brasil deu um passo a mais durante os governos Lula e Dilma: foi alçado a quinto maior importador dessas armas da morte, testadas sobre as verdadeiras cobaias que Israel converte os palestinos todos os dias. É o que se vê exatamente agora em meio ao genocídio a Gaza.

Armas estas depois apresentadas em feiras internacionais, inclusive sediadas no Brasil, como “testadas em campo” por Israel e também vendi-

das a governos estaduais para a promoção do genocídio pobre e negro nas periferias e extermínio indígena.

Com a extrema direita no poder, na figura do genocida Bolsonaro, o que se via era a intolerável propaganda ideológica sionista, sem máscaras. Mais acordos e mudança até mesmo da pragmática tradição da diplomacia brasileira em defesa da injusta desde sempre e já morta “solução de dois estados” com a expansão colonial agressiva sionista.

PROPOSTA NA ONU

Com a vitória de Lula nas últimas eleições (com o voto de 90% dos brasileiros-palestinos), expectativa e ilusões que começam a se desmanchar a partir sobretudo das últimas e apressadas declarações, alinhando-se ao imperialismo estadunidense – embora tomando o cuidado de manter uma posição de “liderança pela paz”. Nem mesmo sua limitada proposta de cessar-fogo e abertura de corredor humanitário para

Gaza no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) foi aceita pelo senhor da guerra, os EUA.

RECONHECER O APARTHEID

Cessar-fogo já e parar o genocídio é fundamental, mas é preciso ir muito além: ouvir as vozes palestinas que clamam pelo reconhecimento do regime de apartheid sionista e a ruptura de todos os acordos com Israel, que sustentam seus crimes contra a

humanidade. Vozes que se elevam e exigem o corte de relações com Israel e a expulsão do embaixador sionista do Brasil.

O Brasil busca ser liderança mundial pela paz, mas não demonstra qualquer intenção de dar esse passo. Por seus próprios interesses econômicos, não quer se indispor com o imperialismo. Por seu papel e potencial na América Latina, poderia puxar a fila do BDS (boicote, desinvestimento e sanções) ao apartheid israelense.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/46Z5T05](https://bit.ly/46Z5T05)**

A TRAGÉDIA PALESTINA

1939 •

Sob brutal repressão britânica, a revolução é derrotada. O Império desarma os palestinos e explode suas casas. Os regimes árabes e a burguesia reacionária árabe-palestina também colaboraram com a derrota da revolução, tal como revela Ghassan Kanafani em “A revolta de 1936-1939 na Palestina” (Editora Sundermann).

• 1947 •

Em 29 de novembro, a primeira sessão especial da Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU) recomenda a partilha da Palestina em um Estado judeu e um árabe, com Jerusalém sob administração internacional. O diplomata brasileiro Osvaldo Aranha presidiu a sessão e votou favoravelmente à partilha. Sem consultar os habitantes nativos palestinos não judeus, a decisão delegava mais de metade daquelas terras ao colonizador sionista. Um sinal verde para a limpeza étnica planejada, que começa 12 dias depois, acompanhada de genocídio em aldeias como propaganda para a expulsão de palestinos nos meses seguintes.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/46IXAKR](https://bit.ly/46IXAKR)

O QUE É SIONISMO?

O sionismo é um movimento político. Surgiu no fim do século XIX. Seu fundador é o jornalista judeu áustro-húngaro Theodor Herzl. Ele defendia que o problema da discriminação dos judeus só seria resolvido se os judeus tivessem um Estado exclusivo. Entre as propostas de locais para a colonização estavam Argentina, Uganda ou Palestina. Herzl e a Organização Sionista mundial (OSM) trataram de procurar os dirigentes das potências imperialistas. Em 2 de novembro de 1917, o imperialismo britânico se comprometeu a permitir a instalação de um Lar Nacional Judeu no território da Palestina. Ou seja, assumiu o compromisso da autoridade colonial inglesa de permitir que a Palestina, agora colonizada por eles, fosse utilizada pelos sionistas para instalar novos colonos judeus lá. Mas isso só seria possível expulsando a população palestina existente. O sionismo pregava uma “muralha de ferro” entre judeus e os árabes habitantes da Palestina, e nenhuma “mistura de sangue” entre eles. Israel deveria ser um estado abertamente racista, exclusivamente dos judeus. O historiador israelense Avi Shlaim revela isso em seu livro “A muralha de ferro – Israel e o mundo árabe” (Editora Fissus, 2004). Outro historiador israelense, Ilan Pappé, mostra que Israel se assentou na colonização, racismo e limpeza étnica, masacrando os palestinos e destruindo suas aldeias e cidades (“A limpeza étnica da Palestina”, Editora Sundermn).

CRITICAR ISRAEL É PRECONCEITO CONTRA OS JUDEUS?

O Estado de Israel é produto de uma iniciativa imperialista para estabelecer uma fortaleza, com armas nucleares, em uma região com as maiores jazidas de petróleo do mundo. Mas qualquer um que critique Israel será chamado de antisemita (preconceito aos semitas, entre os quais judeus) pelos seus defensores. Mas isso é uma mentira deslavada. A maior prova disso é que existem milhares de judeus mundo afora que criticam Israel e o sionismo. Exemplo é a organização “Vozes judaicas pela paz”, que ocupou no último dia 18 de outubro o Capitólio, o Congresso dos EUA, para exigir cessar-fogo. Milhares de manifestantes de origem judaica vêm se somando à exigência de fim dos bombardeios a Gaza em manifestações pelo mundo. Na verdade, críticas a Israel são contra seu projeto de dominação colonial sionista sobre os palestinos. “A violência do Hamas aos israelenses não foi por serem judeus, mas por serem colonos protegidos por um Estado que opõe e subjuga os palestinos pelo fato de serem palestinos”, explicou no Tuíter Bruno Huberman, judeu antissionista, professor de relações internacionais da PUC-SP.

O QUE É ANTISSIONISMO?

É se opor ao projeto político colonial sionista e sua limpeza étnica, racismo e apartheid – como reconhecido até mesmo pelas organizações israelenses de direitos humanos BT'Selem e internacionais Anistia Internacional e Human Rights Watch. É se opor aos crimes contra a humanidade cometidos por Israel. A causa palestina sintetiza as lutas contra a opressão e exploração em qualquer parte do mundo, é a causa por libertação nacional do jugo do colonizador. O que há de racista nisso? Nada. Se você é a favor de lutas contra isso, você é antissionista.

OS PALESTINOS SÃO TERRORISTAS?

A ousadia e a importância política da ação do Hamas fizeram que a imprensa burguesa apresentasse os palestinos como “terroristas” e a reação de Israel como “legítima defesa”. Mas qualquer povo sob ocupação tem o direito de resistir a ela, com o uso de todos os meios, inclusive a resistência armada. A Palestina já está ocupada há mais de 75 anos, numa Nakba contínua, o que é para os palestinos um confronto militar permanente. Qualquer ação dos palestinos é de defesa e de resistência contra a ocupação. É uma ação de qualquer povo que procura viver livremente, de forma digna e pelo direito de retornar para sua terra. No passado, outros se enfrentaram contra o colonialismo e foram chamados de “terroristas”. O povo da Argélia na luta contra a dominação colonial da França nos anos 1960; o povo do Vietnã que lutava contra a invasão dos EUA; o povo negro da África do Sul e seus líderes como Nelson Mandela e Steve Biko, que lutaram contra o apartheid. A história já provou: terrorista é o imperialismo e seus aliados carniceiros como o Estado de Israel!



A TRAGÉDIA PALESTINA

1948

Em 15 de maio o Estado de Israel é criado em 78% do território histórico do Palestina. Para os palestinos é o início da Nakba, palavra árabe que significa “Catástrofe”. A limpeza étnica entra em sua fase mais agressiva. Milícias sionistas massacraram aldeias palestinas, assassinando inclusive mulheres e crianças. O estupro de meninas e mulheres serve para aterrorizar os palestinos. Oitocentos mil palestinos são expulsos de suas terras, mais de 500 aldeias são destruídas e cerca de 15 mil palestinos são chacinhados. Egito, Jordânia, Síria e Iraque declararam guerra a Israel, mas não mandam os reforços necessários para de fato salvar a Palestina.



Em 7 de janeiro Egito, Jordânia, Síria e Iraque assinam um armistício com Israel, abandonando os palestinos.

1967

Entre 5 e 10 de junho, eclode a Guerra dos Seis Dias. Israel ocupa militarmente a Faixa de Gaza, a Cisjordânia (incluindo Jerusalém Oriental), a Península do Sinai (Egito) e as Colinas do Golã (Síria). Meio milhão de palestinos se somam aos refugiados de 1948 e 13 mil são mortos.

1982

Massacre de cerca de 3 mil palestinos desarmados nos campos de refugiados de Sabra e Chatila, pelos falangistas no Líbano, com auxílio de Israel sob o carniceiro Ariel Sharon e EUA. O repórter Alessandro Porro, judeu brasileiro, desmontou a alegação de que Israel não percebera o massacre e mostrou que os campos de refugiados estavam há 200 metros do quartel israelense. A ONU condena o massacre e o chama de genocídio.



NÃO AO GENOCÍDIO

Solidariedade pela Palestina toma as ruas de todo o mundo



Judeus pela Paz ocupam Congresso dos EUA exigindo o fim dos bombardeios em Gaza.

Mundo afora milhares de pessoas estão ocupando às ruas contra o genocídio genocida, inclusive nos EUA. Judeus antissionistas crescem e levantam a bandeira “Não em nosso nome” – com a emblemática imagem de sua ocupação do Capitólio.

Ordens de proibição de marchas em solidariedade ao povo palestino e pelo fim do genocídio em Gaza, em países europeus, são desafiadas de forma exemplar.

Cem mil nas ruas de Londres, outros milhares em Paris, Frankfurt e muitas outras capitais. O mundo se levanta e abraça os palestinos e palestinas. Oprimidos e explorados dizem não ao genocídio.

Na América Latina também começam a haver grandes manifestações, como no Uruguai e no Brasil, com um ato que reuniu milhares no último dia 21 de outubro, em São Paulo.

Nos diversos países ára-

bes cenas belíssimas, com egípcios indo para as fronteiras carregando mochilas com água e alimentos para tentar furar o cerco total israelense ao gueto de Gaza.

Na Jordânia, a solidariedade acampa próxima à Embaixada de Israel. Árabes tentam entrar na Palestina ocupada para ajudar seus irmãos e são reprimidos pelos próprios governos. Na Cisjordânia, greve geral e fúria voltada inclusive ao QG da ge-

rente da ocupação, a Autoridade Palestina, que reprime violentamente o povo.

O imperialismo e o sionismo afundam em sua crise – e arrastarão consigo toda a cumplicidade criminosa, a história há de cobrar. A Palestina sangra, mas resiste. E se ergue, dos escombros da contínua Nakba, como a causa símbolo das lutas contra a opressão e exploração em todo o mundo. Até a libertação nacional, do rio ao mar.

ESTRATÉGIA

Por uma Palestina laica, democrática e não racista



DA REDAÇÃO

O movimento operário internacional deve rejeitar impiedosamente as ações do imperialismo e dos governos subservientes em apoiar Israel nos massacres contra os palestinos. A solução dos dois Estados está falida, como demonstrou a barbárie sionista desde os acordos de Oslo.

Israel só pode subsistir como um Estado racista, repressor, genocida e em base à permanente agressão militar. Defendemos a mais ampla unidade de ação com



o Hamas e com todos que façam parte da resistência do povo palestino. Mas temos diferenças

políticas com a organização que tem uma direção burguesa e uma política conservadora que não de-

fende abertamente uma Palestina Laica e Democrática. A libertação total da Palestina precisa combinar a luta por libertação nacional com um processo revolucionário e socialista. A paz só virá com a destruição do Estado racista de Israel e o estabelecimento de uma sociedade democrática e livre na Palestina, aberta a todos os palestinos – muçulmanos, cristãos e judeus. Essa é a bandeira da Palestina laica, democrática e não racista, que sintetiza uma das principais tarefas da revolução socialista na região.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3QVGLBJ](https://bit.ly/3QVGLBJ)

A TRAGÉDIA PALESTINA

1987

Explode a poderosa Intifada (levante popular em árabe) das “pedras palestinas contra tanques de Israel”. Para encerrar esse processo, iniciam-se negociações secretas entre a OLP e Israel, sob intermediação do imperialismo americano.



1993

Em 13 de setembro são firmados os acordos de Oslo entre o Estado de Israel e a OLP, sob intermediação de Bill Clinton, presidente dos EUA. Os acordos são firmados em base à “solução de dois estados”, reconhecendo a colonização sionista em 78% das terras palestinas. Cria-se a Autoridade Nacional Palestina (ANP), porém sem nenhuma autonomia e com dependência econômica integral de Israel. Os acordos são apresentados ao mundo como “paz gradual”. Servem para encobrir o aprofundamento do controle de Israel sobre os palestinos, que prossegue com o avanço de assentamentos, restrições à movimentação palestina, prisão e comando sobre fronteiras.

1994



Firmados os Protocolos de Paris, que selaram a consequente cooperação de segurança de Israel com a ANP, que passou a gerenciar a ocupação, reprimindo a resistência palestina.

2000



Em setembro explode a Segunda Intifada palestina. O levante teve início após uma “visita” de Ariel Sharon, então primeiro-ministro de Israel, à Mesquita de Al Aqsa. Uma provocação aos palestinos, que deram início ao levante. A Segunda Intifada marca o total fracasso dos Acordos de Oslo.

SIONISMO CRISTÃO

Os evangélicos e o Estado de Israel


**DIEGO CRUZ,
DA REDAÇÃO**

Por que segmentos cristãos que, do ponto de vista religioso, comparilham uma visão mais próxima do islamismo (o Islã, ao contrário do judaísmo, reconhece e reverencia a figura de Jesus Cristo, como profeta), se alinharam de forma tão incondicional ao Estado israelense?

Trata-se de uma história, ao mesmo tempo, antiga e recente. Uma construção ideológica de séculos que ganhou força e uma nova roupagem com o fortalecimento da extrema direita nos últimos anos. E que de “espiritual” não tem absolutamente nada.

CRISTIANISMO E SIONISMO

A identificação entre o protestantismo e o que viria a ser o sionismo, ou seja, a ideia de que o povo judeu deveria retornar à Palestina histórica, remonta a uma leitura peculiar do evangelho, especificamente da escatologia (o estudo sobre o fim dos tempos) e de uma doutrina que viria a ser chamada de “dispensacionalismo”, que prevê o retorno dos judeus à “terra prometida”, a reconstrução do

Templo de Salomão (destruído pelos babilônicos e romanos), preparando a segunda vinda de Cristo e, finalmente, a conversão dos judeus ao cristianismo.

Antes de 1948, o sionismo religioso não era hegemônico sequer entre os próprios sionistas; mas o mito do retorno à Jerusalém acabou sendo bastante funcional a fim de atrair o apoio e simpatia de Estados e de cristãos mundo afora para a colonização da Palestina. Mas, para consolidar esse mito, outro haveria de se impor: o de que os atuais judeus descendem diretamente do povo hebreu do Velho Testamento.

**A “INVENÇÃO”
DO PVO JUDEU**

Há muitos estudos e debates sobre a origem dos povos que se autointitulam judeus, principalmente após a publicação da obra de Shlomo Sand, “A invenção do povo judeu” (2008). Ele reforça evidências de que os atuais judeus são, na verdade, descendentes dos cazaques, do Cáucaso (entre a Europa Oriental e a Ásia), convertidos no século 8, ou seja, durante os anos 700.

O historiador israelense Ilan Pappé relativiza esse debate afirmando que “os povos têm o direito de se inventarem, como

fizeram tantos movimentos nacionais em seu momento de concepção”, mas alertando que “o problema se agrava quando a narrativa de gênese engendra projetos políticos como genocídio, limpeza étnica e opressão”.

E é justamente isso o que aconteceu. Os diversos segmentos do sionismo confluíram para essa interpretação bíblica de que os atuais judeus seriam os legítimos descendentes do antigo povo hebreu. É uma forma de legitimar, com essa autoridade histórica, a ocupação da Palestina e a expulsão dos povos originários daquela terra, os palestinos.

ISRAEL E A EXTREMA DIREITA

Voltemos aos atuais evangélicos. O que os liga ao Estado de Israel?

Sempre houve uma “natural” associação entre protestantismo e os judeus, mas essencialmente simbólica e religiosa. Israel e “povo de Deus” não mais se referiam à “nação de Judá”, mas aos grupos religiosos que se unem em torno a essa crença.

Percebe-se, porém, uma profunda mudança nos últimos anos. As referências a Israel vão deixando de ser simbó-



licas e tornam-se quase literais. As igrejas vão se “judaizando”, e os próprios crentes passam a se identificar como parte da diáspora judaica. Tornaram-se frequentes o uso de bandeiras de Israel, além de adereços tradicionalmente judaicos, como os quipás (pequenos chapéus circulares usados para cobrir o alto da cabeça).

Um movimento alinhado com a radicalização do público evangélico à extrema direita. Essa é a razão pela qual muitos estranharam a atual hipervalorização do Antigo Testamento. Lá, temos uma divindade guerreira, que destrói seus inimigos de forma impiedosa e que se impõe à força.

Uma narrativa mais fácil de ser absorvida e moldada a um projeto político de ditadura e de perseguição a opositores do que

seria, por exemplo, uma divindade que pregasse tolerância e que dissesse que “é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha que um rico entrar nos reinos dos céus”.

Nessa nova visão, alinhada à extrema direita, o Estado de Israel seria o Estado “ungido” para defender a “civilização judaico-cristã” contra os “bárbaros”. Uma visão não só distorcida, como profundamente racista e xenófoba.

Junte-se a isso interesses puramente comerciais. Há alguns anos, proliferou uma verdadeira indústria do turismo a Jerusalém, comandada por pastores midiáticos e empresas voltadas ao público religioso.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3XFH5V](https://bit.ly/3XFH5V)**



As mães palestinas estão escrevendo o nome de seus filhos nas pernhas. O motivo é facilitar o reconhecimento caso elas venham a ser mortas pelas bombas de Israel.

É COLONIZAÇÃO

Massacre não tem nada a ver com religião

Muitos pastores e igrejas apresentam o tema como uma espécie de “batalha espiritual”. Porém, o que ocorre, de fato, é a ação de um Estado, criado artificialmente pelo império britânico e, hoje, amparado pelos Estados Unidos, que têm Israel como seu enclave militar no Oriente Médio.

Os palestinos, assim, são um “problema” a ser eliminado. O discurso religioso é usado, de forma cínica, para atingir esse objetivo.

Muitos operários são evangélicos e respeitamos suas crenças. Mas, a luta contra o genocídio palestino não é uma luta contra a religião; mas, sim,

contra um projeto de colonização, limpeza étnica e genocídio, a serviço do imperialismo.

Tanto que existem evangélicos que se colocam contra isso, a exemplo de inúmeros grupos judeus antissionistas. Convidamos aos companheiros e companheiras evangélicos a se unirem conosco nessa luta.



ATRAGÉDIA PALESTINA

2006

Com a traição da ANP, o partido político de orientação islâmica Hamas, fundado em 1987, ganha as eleições legislativas na Palestina, mas Israel e EUA não aceitam o resultado democrático. Um cerco desumano é imposto a Gaza e, na sequência, se iniciam os bombardeios a “conta-gotas” ou massivos, como os que foram vistos em 2008-2009, 2012, 2014, 2021 e agora, em 2023.

2018

Palestinos de Gaza protagonizam a “Grande Marcha do Retorno”, reprimida violentemente por Israel. Atiradores de elite disparam contra o povo e deixam 189 mortos, dentre os quais 35 crianças, profissionais da saúde que tentavam socorrer os feridos e jornalistas, além de mais de 20 mil feridos.

2023

Hoje a sociedade palestina segue inteiramente fragmentada: são 13 milhões, sendo metade sob ocupação e apartheid (inclusive nas áreas ocupadas em 1948, onde há 65 leis racistas contra eles) e outra metade no refúgio/diáspora, impedida do direito legítimo de retorno às suas terras.

POR EMPREGOS

Todo apoio aos trabalhadores e trabalhadoras da GM, em greve contra demissões em massa!

 ANA CRISTINA, DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)

No último dia 21 de outubro, um sábado, trabalhadores e trabalhadoras da GM, em três fábricas da montadora no estado de São Paulo, foram surpreendidos por telegramas e e-mails enviados pela empresa com uma sucinta comunicação de demissão. “A queda nas vendas levou a General Motors a adequar seu quadro de funcionários. Por isso, comunicamos que a empresa decidiu pela rescisão do seu contrato de trabalho”, informou a multinacional.

Repete-se, assim, o mesmo modus operandi adotado em outros momentos, como a demissão em massa feita em 2015, em pleno Dia dos Pais, sem qualquer responsabilidade social ou



Trabalhadores da GM de São José dos Campos votam pela greve em assembleia

mínima preocupação com o impacto desse tipo de notícia sobre a vida dos trabalhadores(as) e suas famílias.

Três dias depois, quando fechávamos esta edição, a empre-

sa ainda não havia informado oficialmente quantos cortes foram feitos e nem se disposto a reunir com os sindicatos de São José dos Campos, Mogi das Cruzes e São Caetano do Sul, onde

foram feitas as demissões.

A estimativa dos sindicatos de trabalhadores é que o facão tenha afetado mais de mil funcionários, dentre os quais vários em lay-off (suspensão dos contratos de trabalho), trabalhadoras grávidas e portadores de problemas de saúde.

MOBILIZAÇÃO IMEDIATA E UNIDADE

A reação dos trabalhadores foi à altura do ataque feito pela GM. Ainda no domingo (22), o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e região, filiado à CSP-Conlutas, convocou uma assembleia em sua sede. A rua em frente à entidade acabou lotada, com centenas de trabalhadores.

Numa forte e unânime votação, os metalúrgicos declararam “guerra” contra as demissões e

foi aprovada greve, a partir de segunda-feira (23). No dia seguinte, outra assembleia, agora unificada com funcionários e funcionárias dos três turnos da montadora, também aprovou a paralisação, por unanimidade e tempo indeterminado, com a exigência do cancelamento imediato das demissões. Em assembleia, os funcionários da GM em Mogi das Cruzes e São Caetano aprovaram o mesmo.

Ao todo, são 12 mil metalúrgicos(as) de braços cruzados, numa importante luta unificada. Em São José, nos piquetes nas portarias, além dos dirigentes sindicais e ativistas, os trabalhadores começam a se revezar no apoio à mobilização e à organização da luta.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3TKIB4U](https://bit.ly/3TKIB4U)

A VERDADE

GM não está em crise. Objetivo é reestruturação e lucros



Weller Gonçalves, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de SJC

Em São José dos Campos e Mogi das Cruzes, a GM tem um acordo firmado com os sindicatos, que garante estabilidade no emprego para todos os trabalhadores em razão do lay-off em vigor. A validade é até maio do próximo ano. A demissão em massa, portanto, descumpre o acordo de forma ilegal.

Além disso, os sindicatos questionam a alegação da empresa para os cortes. Os resultados financeiros da montado-

ra revelam outra realidade. No segundo trimestre deste ano, a GM obteve lucro líquido de 3,06 bilhões de dólares (quase R\$ 13 bilhões). A receita foi de US\$ 44,1 bilhões, equivalente a um aumento de 5,4% em comparação ao mesmo período anterior.

No Brasil, nos três primeiros meses deste ano, em comparação ao mesmo período de 2022, a companhia teve crescimento de 42% em suas vendas.

“Pós-pandemia, a GM registrou aumento na produção de 49% no Brasil”

EXIGÊNCIA

Trabalhadores fazem exigência aos governos Lula, Tarcísio e Anderson

Este ano, Lula e Alckmin iniciaram o governo lançando um programa para subsidiar a venda de carros zero-quilômetro, que garantiu um aumento nos emplacamentos de várias marcas, inclusive da GM. As montadoras aderiram em peso ao programa, sem compromisso algum com a manutenção dos empregos.

Segundo dados da Receita Federal, divulgados em

julho, somente em 2021, 29 montadoras se beneficiaram com R\$ 20,7 bilhões com isenções fiscais. Uma auditoria do Tribunal de Contas da União (TCU) revelou que benefícios tributários para o setor automotivo desde 2010 “entregaram pouco desenvolvimento regional”. Ou seja, a guerra fiscal entre as empresas, estimulada por governos, não favorece os trabalhadores.

DEPOIMENTO

“É guerra contra essas demissões”, dizem metalúrgicos

“Não existe crise na GM. O que existe é um processo de reestruturação da montadora em todas as suas unidades no mundo. Nos Estados Unidos, os metalúrgicos da GM, da Ford e da Stellantis estão em greve há um mês, por melhores salários e direitos. Precisamos fortalecer a unidade nacional e internacional dos trabalhadores para enfrentar a ganância das multinacionais e cobrar dos governos que garantam medidas em defesa dos empregos”, ressalta Weller Gonçalves, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São José e militante do PSTU.

“É guerra contra essas demissões arbitrárias feitas pela GM. Vamos à luta pelo cancelamento de todas as demissões, por estabilidade no emprego e pela redução da jornada sem redução salarial”, acrescentou Weller. “E se a GM se negar, que seja nacionalizada e estatizada sob controle dos trabalhadores”, concluiu o companheiro.

Os sindicatos enviaram ofícios aos governos federal, estadual e municipal para agendar reuniões e a exigência é de que as autoridades tomem medidas para reverter as demissões e garantir os empregos. Afinal, são esses mesmos governos que mantêm uma política permanente de benefícios às empresas, principalmente às montadoras.

INDÍGENAS

Do norte a sul do Brasil, os povos originários passam por situações de abandono e descaso



**ROBERTO AGUIAR, DA REDAÇÃO,
E JOCEMIR SOUZA, DE JOINVILLE (SC)**

Na posse em Brasília, Lula (PT) subiu a rampa com representantes de setores marginalizados, oprimidos e invisibilizados da sociedade, entre eles os povos indígenas com a presença do Cacique Raoni. Uma cena forte, podemos dizer. Mas, de lá para cá os povos originários seguem ainda sofrendo com situações de abandono e descaso, mesmo com a criação do ministério dos Povos Indígenas, que tem a indígena Sônia Guajajara (PSOL) à frente.

Nos últimos dias, quatro situações mostraram o descaso que passam os povos indígenas. O povo Laklânō Xokleng era duramente reprimido pela Polícia Militar a mando do governador de Santa Catarina, Jorginho Mello (PL), para fechar uma barragem e colocar populações inteiras em risco. No Maranhão, estado da ministra Sônia Guajajara, a Terra Indígena do Alto Turiaçu ardia em chamas com um incêndio florestal que durou mais de um

mês. No Amazonas, indígenas dos povos kokamas, tukunas e mayorunas estão adocedendo de diarreia, infecção intestinal e vômito por beber água contaminada, já que as comunidades estão sem acesso à potável devido à seca do Rio Amazonas. Em Roraima, os garimpeiros voltam a invadir Terra Indígena Yanomami, conforme denúncia feita por Júnior Hekurari Yanomami, presidente do Conselho Distrital de Saúde Indígena Yanomami e Ye'kuana (Condisi-YY), ao jornal Folha São Paulo, no último dia 20.



Crianças yanomami desnutridas

MARANHÃO

Floresta na Terra Indígena do Alto Turiaçu em chamas



Incêndio que durou mais de um mês destruiu florestas e matou animais na Terra Indígena do Alto Turiaçu. O território abrange uma área de 531 mil hectares no oeste do estado do Maranhão, onde vivem mais de 4 mil indígenas das etnias Ka'apor, Tembé e Awá-Guajá.

A devastação só ganhou notoriedade no dia 13 de outubro, quando os indígenas começaram a postar vídeos nas redes sociais mostrando a destruição do incêndio que teve início nas grandes fazendas que cercam o território. Eles denunciavam que estavam há um mês lutando sozinhos para controlar o fogo, sem nenhum tipo de ajuda dos governos estadual e federal.

Depois disso, 31 agentes do Corpo de Bombeiros, do Institu-

to Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade foram encaminhados para o território, mas só isso não foi suficiente. O fogo só foi controlado com a ajuda de outros povos indígenas, que enviaram equipes de guardiões para atuar no combate ao incêndio. As chuvas que ocorreram nos últimos dias também foram importantes para cessar o fogo.

Em vídeo enviado ao Opinião Socialista, disponível em nossas redes sociais, o Cacique Iracadju Ka'apor denunciou o descaso dos governos estadual e federal. Informou que devido ao contato com a fumaça, vários indígenas estão doentes na comunidade e estão precisando de ajuda médica e de remédios. Ele também denunciou a precariedade do serviço de saúde oferecido à comunidade e cobrou medidas urgentes por parte da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), órgão ligado ao Ministério dos Povos Indígenas.

SANTA CATARINA



Não bastasse as fortes chuvas que atingiram Santa Catarina, castigando o Território Indígena Xokleng onde casas foram alagadas, o governador

Território Indígena Xokleng pede socorro!

Jorginho Mello (PL) usou a PM para reprimir violentemente o povo Xokleng para fechar arbitrariamente uma barragem inoperante e colocar populações inteiras em risco.

Uma campanha solidária foi realizada em apoio ao povo Xokleng, vítima de descaso dos governos estadual e federal. A mobilização nas redes sociais foi fundamental para chamar atenção do que estava acontecendo. O PSTU e o Coletivo Rebeldia de Santa Catarina foram parte dessa campanha.

O ministério dos Povos Indígenas foi obrigado a se mover. No último sábado, dia 21, a Funai, Joenia Wapichana, visitou a comunidade e anunciou a cessão de um imóvel, o que garante a Comunidade Indígena Xokleng na área de 8,6 milhões de m², inclusive no que se refere à aplicação de políticas públicas voltadas à promoção e proteção dos direitos do povo indígena, mesmo com a demarcação do território tradicional ainda em andamento. Isso foi fruto da luta e não uma concessão do governo federal.

APOIAR OS POVOS ORIGINÁRIOS

Chega de descaso!

Já são 10 meses de governo de Lula, situações de descaso com os povos originários seguem. Chega! Não basta só subir a rampa com os indígenas para dar "close".

É preciso medidas concretas para impedir a ação de garimpeiros, de grileiros, de latifundiários que tocam fogo e que derrubam matas nas terras indí-

genas. Não é admissível que indígenas fiquem doentes por não ter água potável para beber. Não podemos aceitar que os Ianomâmis sigam sendo ameaçados e assassinados por garimpeiros, é preciso retomar as ações de segurança, que foram reduzidas pelo governo federal. Em verdade, o genocídio dos povos originários do Brasil se asse-

melha ao genocídio palestino. Por isso também apoiamos todas as ações de autodefesa dos povos indígenas que se organizam para defender suas vidas e seu território dos invasores. Basta de descaso com os povos originários!

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3MCSXJV](https://bit.ly/3MCSXJV)**

REVOLUÇÃO RUSSA

A revolução que mudou o mundo

 WILSON HONÓRIO DA SILVA

Petrogrado, início da manhã de 26 de outubro de 1917. Lênin, de pé (...), fazendo seus pequenos olhos brilhantes passearem por todos os presentes enquanto aguardava, parecendo desatento para a demorada e ruidosa ovação que o acolhia (...). Quando ela terminou, ele disse, simplesmente: ‘É tudo, camaradas! Passemos, agora, à construção da ordem socialista!’.

É assim que o jornalista norte-americano John Reed descreve, em “Os dez dias que abalaram o mundo”, o momento em que, no II Congresso dos Soviets (“conselhos”) de Deputados Ope-



rários, Soldados e Camponeses, o dirigente do Partido Bolchevique constatou a tomada do poder pelos Soviets de Toda a Rússia, con-

cretizada no dia anterior, 25 de outubro (ou 7 de novembro, pelo antigo calendário russo), com a tomada do Palácio de Inverno.

Pela primeira vez na História, o poder de todo um país estava nas mãos da classe operária, aliada a camponeses e soldados. Mãos totalmente distintas daquelas que, sem derrubar sequer uma gota de suor, se apropriavam das riquezas, em base à exploração e opressão do povo.

Rostos rudes, feridos pelo inverno, mãos pesadas e rachadas, dedos amarelados pelo tabaco, botões caindo, cintos frouxos e longas botas rugosas e bolorentas. A nação plebeia, pela primeira vez, enviou uma representação honesta, feita à sua própria imagem e sem retoques”, foi assim que um dos principais dirigentes da Revolução de Outubro, León Trotsky, descreveu os dele-

gados e delegadas que ali estavam reunidos.

Naquele 25 de outubro, o “Dien”, um dos jornais bolcheviques, estampou a manchete “Todo poder aos Soviets de Operários, Soldados e Camponeses! Pão, Paz e Terra!”, fazendo ecoar os gritos que há meses tomavam as ruas das principais cidades e áreas rurais de uma Rússia massacrada pela fome, pela pobreza e pelas perdas e sofrimentos causados pela I Guerra Mundial (1914-18), alimentada pela ganância imperialista e sua necessidade de fatiar o mundo de acordo com os interesses burgueses.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/40EYUTK](https://bit.ly/40eyutk)

O INÍCIO DA REVOLUÇÃO

Mulheres em luta colocam a Revolução em marcha

Na época, comparada às demais potências europeias, a Rússia, um país com cerca de 150 milhões de pessoas, era um Império atrasado, governado por um monarca (o czar Nicolau II), de maioria agrária e onde reinava a servidão, o analfabetismo, a pobreza e costumes e tradições medievais.

Contudo, já inserida no capitalismo mundial, também possuía uma burguesia, que, parasitária, vivia à sombra da nobreza e submissa ao imperialismo internacional. Do outro lado do “front”, se encontrava uma crescente classe trabalhadora que há muito demonstrava sua combatividade, tendo uma importante vanguarda que havia abraçado ideais socialistas.

Em 8 de março de 1917 (23 de fevereiro, no antigo calendário russo), uma greve das operárias de Petrogrado mobilizou mais de 400 mil mulheres, por melhores condições de trabalho e contra a fome e a participação na I Guerra, que consumia milhões de vidas.

Impulsionada por esta luta heroica, a agitação revolucionária explodiu nos locais de estudo e trabalho, tomando as ruas e ganhando, inclusive, a simpatia de soldados, que se juntaram a elas. A força dos levantes insurrecionais fez com que o ministério czarista se esfacelasse, isolando completamente o czar Nicolau II, que acabou sendo obrigado a renunciar, em 27 de fevereiro.

Mesmo de forma desorganizada, o poder migrou do Palácio Imperial para as ruas e única saída para a burguesia, numa tentativa de manter o mínimo controle, foi constituir um Governo Provisório baseado na Duma (o Parlamento russo) e tendo à frente os constitucionalistas-democratas (chamados de “kadetes”, a partir da sigla em russo), um partido burguês liberal que defendia um regime monárquico constitucional.

O SURGIMENTO DOS SOVIETS E AS “TESES DE ABRIL”

A burguesia e os reformistas que passaram a lhe dar apoio pretendiam, assim, estabilizar a situação. Contudo, em meio aos levantes, camponeses, ope-

rários e soldados russos haviam resgatado a principal herança deixada por uma revolução anterior, a de 1905: os Soviets (ou conselhos) de Deputados Operários e Soldados.

Primeiro, em Petrogrado, depois em todos os cantos do país, num processo

que culminou com a criação do Comitê Executivo dos Soviets de Toda a Rússia, que, na prática, criou uma situação de “duplo poder” no país, já que o Governo Provisório passou a depender de sua aprovação para implementar a maioria de suas resoluções.



LENIN E A REVOLUÇÃO

“A tese para a reconstrução do mundo”

Em seu exílio na Suécia, Lênin percebeu que era chegada a hora de voltar ao país. Cruzou a Europa, clandestinamente, num trem, e desembarcou, em 3 de abril, em Petrogrado, trazendo sob os braços um discurso que literalmente

mudou os rumos da História e, posteriormente, ficou conhecido como as “Teses de Abril”.

Nos seus 10 pontos, Lênin atacou os mencheviques e os social-revolucionários, que dirigiam a maioria dos soviets e

apoavam o Governo Provisório; denunciou seu caráter capitalista, clamando que não fosse lhe dado qualquer apoio, caracterizando-o como tão imperialista quanto o regime czarista e exigindo a imediata saída da guerra; defendeu a

nacionalização das indústrias e bancos, assim como a expropriação das terras pelo Estado e lançou a palavra de ordem que iria definir os rumos da Revolução: “Todo poder aos soviets”.

Atacadas pelos mencheviques e SRs, as Teses, num

primeiro momento, também receberam a oposição de dirigentes bolcheviques, como Kameev e Stalin, o que abriu uma intensa polêmica, pois estes caminhavam para uma política de apoio envergonhado ao Governo Provisório.

DE JULHO A OUTUBRO

O partido bolchevique e a vitória da Revolução

Em julho, o Governo Provisório desatou uma onda repressiva sobre o movimento que havia organizado um forte jornadas de lutas. Forte, mas ainda insuficiente para fazer com que os Soviets tomassem o poder. Os bolcheviques foram duramente reprimidos. Suas gráficas e sedes foram fe-

chadas, seus jornais proibidos e seus dirigentes aprisionados (como Trotsky) ou obrigados a fugir, a exemplo de Lênin.

Com o consequente enfraquecimento dos bolcheviques, Kerensky, que, em agosto, assumira o cargo de Primeiro-Ministro, tentou frear o processo revolucionário e, simul-

taneamente, ganhar o apoio do imperialismo e da burguesia, nomeando o "kadete" e general Kornilov para o comando do Exército.

Kornilov, contudo, protagonizou sucessivos fracassos no "front" e, por fim, tentou promover um golpe de Estado, cuja resistência e derrota foi co-

mandado pelos bolcheviques. É nesse momento que o partido ganha imenso prestígio, ao tomar a direção da defesa da revolução, enquanto o governo de Kerensky estava paralisado. Além de derrotar a contrarrevolução, os operários libertaram todos os presos políticos da prisão.

Assim, em 4 de setembro, Trotsky assumiu a presidência do Soviet de Petrogrado e, juntamente com Lênin, os bolcheviques começaram a organizar a tomada do poder. A data escolhida foi o dia 25, quando teria início o II Congresso dos Soviets, perfeito para concretizar o chamado de "Todo poder aos soviets".

MOMENTO DECISIVO

"Todo poder aos soviets" ecoa no Palácio de Inverno

Logo depois, foi formado o Comitê Militar Revolucionário que, sob o comando de Trotsky, assumiu todas as decisões sobre a insurreição, que teve início com a ocupação dos prédios públicos, a infraestrutura de transportes e comunicação, os fortes e quartéis.

Quando o Congresso dos Soviets se instalou, delegados e delegadas travavam uma acalorada polêmica. Mencheviques e socialistas-revolucionários exigiam o fim da insurreição em curso, dizendo que, se o governo fosse derrubado, os bolcheviques não se sustentariam no poder por mais que poucos dias.

Por outro lado, bolcheviques e seus aliados SRs de esquerda insistiam que a hora havia chegado. Uma posição que foi referenda com a eleição de uma nova direção para o Comitê, na qual os outrora minoritários partidários de Lênin formavam uma maioria.

"De repente, ouviu-se uma nova voz mais profunda, dominando o tumulto da assembleia. Era a voz surda de um canhão! Todos os olhares voltaram-se ansiosamente para as janelas. Uma espécie de febre ardente dominou a assembleia", descreveu o John Reed, referindo-se aos tiros lança-

dos pelo encouraçado Aurora, dando o sinal para a tomada do Palácio de Inverno.

Kerensky já havia fugido e os poucos ministros que restaram foram detidos por Antonov-Ovseenko, bolchevique que comandou a tomada do Palácio. A insurreição havia triunfado.

O PODER DE UMA REVOLUÇÃO

As conquistas do governo soviético

Pela primeira vez na história, a ampla maioria explorada e oprimida tinha o poder econômico e político em suas mãos, consolidado naquilo que chamamos de ditadura do proletariado. Os meios de produção haviam passado para as mãos dos trabalhadores, que passaram a exercer o poder, democrática e coletivamente, através de conselhos

populares; em contraposição à ditadura, também de classe, da burguesia, exercida por uma parcela minúscula da população.

Era um novo tipo de Estado, controlado pela classe operária e o povo oprimido, baseado nos soviets que tinham mandatos revogáveis a qualquer momento e onde sua remuneração não ultrapassa o salário de um ope-

rário qualificado. Assim, eram os "de baixo" que debatiam e resolviam tudo que tinha a ver com os rumos da vida, desde o plano econômico para o país aos seus aspectos mais cotidianos.

Os direitos civis foram ampliados numa escala inexistente no resto do mundo. Por exemplo, já não cabia ao Estado interferir sobre as questões sexuais, a não

ser nos casos de dano ou violência, e antes de qualquer potência capitalista, descriminalizou os LGBTI+ e permitiu que pessoas transexuais fizessem procedimentos de redesignação sexual e usassem seus nomes sociais.

O Estado Soviético também concedeu amplos direitos às mulheres, a começar pelo aborto, mas estendendo-se a ser-

viços públicos coletivizados, como lavanderias, refeitórios e creches, que tirassem de suas mãos o trabalho doméstico.

Houve, ainda, uma enorme explosão criativa na Cultura, na Arte e nas Ciências e uma completa revolução no sistema educacional. Nenhuma nação no mundo havia conquistado tanto em tão pouco tempo.

CONTRARREVOLUÇÃO

O stalinismo e restauração do capitalismo

Após tomarem o poder, os bolcheviques tentaram exportar a revolução socialista para Europa, mas ela foi derrotada pela reação dos capitalistas. Isso deixou a jovem república soviética isolada e tendo que enfrentar uma guerra civil encarniçada com a burguesia e tentativa de invasão militar de potências capitalistas.

A derrota da revolução mundial e os anos de guerra que se seguiram, consumindo uma enorme parcela da vanguarda que fizera a Re-

volução, contribuíram para a burocratização da URSS e do partido bolchevique, através do surgimento de uma camada cada vez maior de funcionários oportunistas.

No centro desta história está a famigerada figura de Joseph Stalin que, principalmente a partir da morte de Lênin, em 1924, se apoiou nessas camadas sociais, aprofundou a burocratização e se encastelou no poder, destruindo completamente aquilo que havia con-

duzido o povo russo à revolução: a ideia de que todo o poder deveria ser exercido pelos soviets.

Neste processo, Stalin criou a ideologia do "socialismo em um só país", usada para assegurar os privilégios dos burocratas; ou das Frentes Populares, que justificavam alianças com setores burgueses. E, assim, foi desmontando conquista após conquista, fazendo com que todos aspectos da vida retrocedessem enormemente.

Nada disso foi feito sem oposição. A principal delas encabeçada por Trotsky. Contudo, Stalin implementou uma sangrenta contrarrevolução, assassinado ou prendendo milhares de dirigentes, quadros e militantes bolcheviques. Trotsky, assassinado em 1940, quando estava exilado no México, foi a última de suas vítimas.

Nas décadas que se seguiram, o Estado, transformado em um aparato burocrático e repressivo, que impedia qual-

quer tipo de democracia, cavaou sua própria destruição, consolidada com a restauração capitalista a partir dos anos 1980. Algo que havia sido previsto por Trotsky que, em 1936, alertou: ou se produzia uma nova revolução política que, mantendo as bases econômico-sociais do Estado operário, reinstalasse a classe operária no poder e impulsionasse a revolução mundial, ou a burocracia, cedo ou tarde, terminaria conduzindo à restauração capitalista.

OPINIÃO SOCIALISTA ONLINE

UMA IMPRENSA OPERÁRIA, REVOLUCIONÁRIA E SOCIALISTA, AGORA DIÁRIA!

Há mais de 27 anos, o Opinião Socialista é presença marcante na luta de classes do país. Dos piquetes de greves e mobilizações das mais diversas categorias, aos grandes protestos e processos de luta, regionais e nacionais. Sempre denunciando o capitalismo em seus mais diferentes aspectos, da exploração às opressões contra negros, mulheres, LGBTI+. E, principalmente, na defesa incondicional da revolução e do socialismo, num momento em que praticamente a totalidade da esquerda socialista abandonou qualquer perspectiva revolucionária.

Num mundo cada vez mais dinâmico, em que as crises eclodem e insurreições explodem numa velocidade de megabites, torna-se necessário expandir esse instrumento. Por isso, agora você terá o seu Opinião Socialista também na internet, todos os dias.

Neste novo veículo, uma super equipe de colunistas vai aprofundar os temas que antes não explorávamos como merecem. Os artigos e debates com a esquerda terão novo fôlego. Tudo isso integrado às redes sociais e com novos recursos que só estão começando!



EM TODOS OS LUGARES
DO PIQUETE

DE MÃO EM MÃO



DE ZAP EM ZAP

AO DIGITAL
OPINIAOSOCIALISTA.COM.BR



VENHA CONHECER  E TOME PARTE DO

OPINIÃO SOCIALISTA ONLINE!

